

LITERATURAS AFRICANAS COMPARADAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente
MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO
MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

ELENA BRUGIONI

*Literaturas africanas
comparadas*

Paradigmas críticos
e representações em contraponto

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

B833L Brugioni, Elena

Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto / Elena Brugioni. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Literatura africana (português). 2. Ficção africana. 3. Pós-colonialismo.
4. Indico, Oceano – História. I. Título.

CDD – 896.06

– 896

– 325.3

ISBN 978-85-268-1509-4

– 551.4615

Copyright © Elena Brugioni
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*A mia madre Gianna.
Senza il suo appoggio, incondizionato e quotidiano,
non sarei mai riuscita a imparare e a essere.*

*A minha mãe Gianna.
Sem seu apoio, incondicional e cotidiano,
nunca teria conseguido aprender e ser.*

AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico, especialmente em áreas como a de Humanas, é um ofício muitas vezes solitário, esquivo e silencioso, a julgar por fora, quase invisível. No entanto, silêncio e solidão, tão preciosos quanto desprezados sobretudo hoje em dia, só se tornam verdadeiramente eficazes quando pontuados pelo encontro, o diálogo e a partilha. Aliás, pensar e escrever este livro nunca teria sido possível sem o convívio humano e intelectual que tive o privilégio de levar a cabo com as muitas e preciosas pessoas com as quais o meu caminho se tem cruzado. Entre todas, uma palavra especial de agradecimento para Ana Mafalda Leite, Jessica Falconi e Paulo de Medeiros, colegas e amigos de tempos longínquos e geografias diversas, com quem tenho passado e partilhado muito da minha vida acadêmica e pessoal; sem seu apoio e sua amizade, chegar a algum lugar teria sido muito mais difícil e, certamente, muito menos humano. Também não poderia deixar de agradecer ao colega e amigo Alfredo Cesar Melo pela convivência intelectual cotidiana e o companheirismo tão preciosos e cada vez mais raros. Uma palavra especial e muito grata a João Paulo Borges Coelho, cujo convívio e amizade me ensinam a pensar e a entender tudo aquilo que parece importar mais. Um sincero agradecimento a Márcia Abreu, diretora da Editora da Unicamp, e a toda sua equipe, pela confiança no meu trabalho e pelo apoio na publicação deste livro. Neste ensaio volto a visitar meus companheiros de dias silenciosos de escrita e leituras, mas também de animadas e físicas horas de ensino e orientação em sala de aulas; às alunas e aos alunos

da Unicamp com quem tive o privilégio de partilhar leituras, ideias e reflexões, ao longo destes três anos, o meu mais sincero obrigada.

Por fim, o mais pessoal dos agradecimentos à minha família especial e, sobretudo, a Tommaso, precioso companheiro de vida, sonhos e desafios; na ausência dele, como já escrevi (e não me canso de repetir), nada disso teria sido possível ou faria qualquer sentido.

Julho 2018-junho 2019
Brasil, Moçambique, Itália

O que tentei fazer foi uma espécie de *exame geográfico da experiência histórica*, tendo em mente a ideia de que a terra é, de fato, um único e mesmo mundo, onde praticamente não existem espaços vazios e inabitados. Assim como nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está totalmente ausente da *luta pela geografia*.

Edward W. Said, *Cultura e imperialismo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
-----------------	----

PARTE I: TEXTOS E(M) TEORIA(S)

1. LITERATURAS AFRICANAS E ROMANCE HISTÓRICO.....	19
2. LITERATURAS AFRICANAS E PÓS-COLONIALIDADE.....	47
3. LITERATURAS AFRICANAS: ESCRITA, ORALIDADE, VOZ.....	69
4. LITERATURAS AFRICANAS E O OCEANO ÍNDICO.....	87
5. LITERATURAS AFRICANAS: ESTEREÓTIPO, AGENCIAMENTO E ROMANCE DE FORMAÇÃO	113

PARTE II: LEITURAS E(M) CONTRAPONTO(S)

6. APONTAMENTOS PARA PENSAR O ROMANCE NA (SEMI)PERIFERIA: JOÃO PAULO BORGES COELHO.....	131
7. O PÓS-COLONIAL A CONTRAPELO: ARMÊNIO VIEIRA.....	151
8. ESCRITA, TRADUÇÃO E DIFERENÇA: O “EXEMPLO” DE MIA COUTO	173
9. ESCRE-VER (N)A PÓS-COLÔNIA: O TEATRO DE ABDULAI SILA	191

À GUISA DE CONCLUSÃO: APONTAMENTOS PARA (OUTRAS) CARTOGRAFIAS (PÓS-COLONIAIS) DAS LITERATURAS AFRICANAS (COMPARADAS)	207
--	-----

BIBLIOGRAFIA.....	227
-------------------	-----

ÍNDICE REMISSIVO	251
------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Os textos reunidos neste ensaio resultam de pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto “A estética do Índico. ‘Geografias transnacionais do imaginário’ em narrativas visuais e literárias na(s) África(s) contemporânea(s)”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e, nalguns casos, do projeto de pós-doutorado desenvolvido entre 2010 e 2015 no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Trata-se de textos parcialmente publicados em livros editados majoritariamente no exterior e em menor número no Brasil, e em revistas científicas nacionais e internacionais, que, nesta publicação, se encontram revistos, ampliados e aprofundados, apresentando versões substancialmente diversas daquelas originalmente publicadas.

A necessidade de reunir os resultados dessas pesquisas prende-se sobretudo à utilização dessas reflexões em sala de aula, desde o começo das minhas atividades docentes no Departamento de Teoria Literária (DTL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) onde, desde novembro de 2016, atuo como pesquisadora e professora de literaturas africanas comparadas e estudos pós-coloniais, inaugurando uma área de ensino e pesquisa no âmbito dos cursos de graduação oferecidos pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do DTL da Unicamp. A escassez de suportes didáticos para a formação de estudantes em campos de estudos novos e emergentes – pelo menos nos contextos acadêmicos

brasileiros –, como é o caso das literaturas africanas comparadas e do debate crítico que se desdobra no campo da crítica pós-colonial, torna necessário um trabalho de sistematização e divulgação dos percursos de estudo e das reflexões críticas que pautam essas áreas, tornando acessíveis ao público estudantil projetos literários, quadros críticos e repertórios bibliográficos essenciais para a formação acadêmica nesses campos disciplinares. Aliás, os textos aqui compilados se debruçam sobre conteúdos, obras literárias e quadros críticos que pautaram minha trajetória de pesquisa e que portanto são utilizados nos cursos de graduação e de pós-graduação que fui lecionando desde o primeiro semestre de 2017 no campo das Literaturas Africanas Comparadas e dos Estudos Pós-coloniais, configurando, o ensaio que aqui se apresenta, um recurso didático útil e pertinente para o desenvolvimento de atividades letivas e de formação, principalmente em vista da consolidação desses campos do saber no âmbito da oferta formativa e de pesquisa desenvolvida na Unicamp.

O percurso que estrutura o livro encontra-se dividido em duas partes distintas e todavia contíguas: a primeira, “Textos e(m) teoria(s)”, apresenta uma reflexão de pendor mais abertamente teórico que, exibindo debates e repertórios bibliográficos desenvolvidos em torno de paradigmas críticos e constelações conceituais específicas, procura (re)situar essas problematizações dentro da perspectiva disciplinar que configura o campo de estudo das literaturas africanas contemporâneas. As reflexões teóricas desenvolvidas nesta parte do ensaio convocam as obras literárias de autores como: João Paulo Borges Coelho, Ungulani Ba Ka Khosa, Chinua Achebe, Mia Couto, Ruy Duarte de Carvalho, M. G. Vassanji e NoViolet Bulawayo. O gênero *romance histórico* e as tensões conceituais que essa categoria apresenta na crítica às literaturas africanas são discutidos no primeiro capítulo, no qual, com base nos debates pós-moderno e pós-colonial, se esboçam

possibilidades interpretativas e impasses críticos que pautam esse gênero literário e, por conseguinte, suas necessárias (re)visões teóricas na esfera do que vem sendo definido como condição pós-colonial. No segundo capítulo, o itinerário de reflexão se desdobra no campo dos *estudos pós-coloniais*, apresentando debates críticos ainda parcialmente inéditos na esfera da crítica às literaturas africanas de língua portuguesa e um percurso que, em primeiro lugar, visa reposicionar a crítica pós-colonial entre as abordagens teóricas e epistemológicas pertinentes e necessárias para ler e pensar criticamente as literaturas africanas contemporâneas.

Oralidade e voz se configuram como categorias teóricas centrais no debate crítico sobre literaturas africanas modernas e contemporâneas sendo este o tópico do terceiro capítulo deste livro, no qual, por meio da obra literária de três autores africanos contemporâneos, se pretende evidenciar a variedade de significados que pautam os *repertórios orais* e suas implicações críticas, interpretativas e conceituais. Tendo em conta o relevo das cartografias literárias e, conseqüentemente, dos paradigmas críticos a estas subjacentes, o quarto capítulo oferece um contraponto entre *literaturas africanas e estudos do oceano Índico (Indian Ocean Studies, IOS)*, desenvolvendo uma análise das narrativas visuais e literárias em Moçambique com vistas à consolidação de abordagens comparativas de pendor transdisciplinar e transnacional. Por fim, a primeira parte do livro encerra-se com uma reflexão em torno dos estereótipos que pautam ainda hoje a representação visual e literária de sujeitos e contextos africanos contemporâneos, tomando como “exemplo” desse agenciamento ambíguo o gênero literário *romance de formação*.

Na segunda parte do livro, “Leituras e(m) contraponto(s)”, reúnem-se estudos dedicados a projetos e obras literárias “exemplares” no que concerne às problematizações crítico-teóricas apresentadas na primeira parte deste ensaio. Por conseguinte, os textos sobre os projetos literários

de João Paulo Borges Coelho, Mia Couto, Arménio Vieira e Abdulai Sila apresentam abordagens mais monográficas, que, no entanto, nunca se eximem da dimensão comparativa e contrapontística¹ que orienta a prática crítica aqui desenvolvida. Aliás, é nessa parte do livro que as reflexões teóricas se aproximam de forma mais aberta e direta – isto é, de certo modo, filológica – às obras literárias analisadas, encarando o texto literário como um lugar de teorização, ou seja, de produção de um conhecimento sempre situado e mundano² e de onde surgem percursos comparativos entre outros(as) autores(as), desenhando possibilidades *contrapontuais* inéditas e logo cartografias críticas diversas para o estudo das literaturas africanas contemporâneas.

¹ Said, 2004.

² *Idem*, 1993, 2004.

Parte I
Textos e(m) teoria(s)

CAPÍTULO 1

LITERATURAS AFRICANAS E
ROMANCE HISTÓRICO

Os novos homens do Império são os que acreditam em novos começos, novos capítulos, novas páginas; eu continuo a lutar com a velha história, esperando que, antes que se acabe, ela me revele por que achei que valia a pena me dar a esse trabalho.

J. M. Coetzee, *À espera dos bárbaros*.

A relação entre história e literatura acompanha as análises humanistas desde os seus primórdios e convoca categorias teóricas complexas que configuram a reflexão crítica no seio das Humanidades, apontando simultaneamente para uma articulação entre debate historiográfico, discursos históricos, representações e narrativas que pauta o debate da chamada pós-modernidade, cujos desdobramentos, numa perspectiva crítica e conceitual de matriz pós-colonial, sobressaem como problemáticas teóricas matriciais e de grande complexidade. Portanto, a problematização para a qual essa relação chama a atenção proporciona reflexões críticas em torno de uma categoria conceitualmente definida como escorregadia tal como a do *romance histórico*, cuja (re)definição na esfera disciplinar de literaturas e representações literárias de matriz “periférica”¹ se pretende, ainda que parcialmente, abordar e discutir neste capítulo.²

¹ WReC, 2015.

² Partes das reflexões desenvolvidas neste capítulo foram publicadas em livros

Em geral, as perguntas que se fazem prementes – desde a prática teórica até a sala de aula – e que norteiam a reflexão que aqui pretendo desenvolver seriam, então, as seguintes: é ainda pertinente, no campo dos estudos literários, utilizar e pensar a categoria de romance histórico? E, por conseguinte, quais os (des)ajustes necessários para pensar esse gênero literário numa perspectiva crítica e conceitual de matriz pós-colonial?

Tendo em conta a produção crítica que marca a reflexão em torno do romance histórico em literaturas historicamente hegemônicas – europeias ou, por via de uma aproximação simplista, por assim dizer, ocidentais –, surge a necessidade de interpelar, ainda que parcialmente, alguns dos quadros teóricos e conceituais aos quais esse gênero literário alude, procurando esboçar algumas hipóteses em torno da necessidade de (re)situar, conceitual e metodologicamente, o relevo operacional dessa categoria literária no que diz respeito a escritas e literaturas que, recorrendo a uma definição de estudo de área, podem ser aproximadamente definidas como literaturas africanas contemporâneas. Considerando a natureza monológica, nacional e eurocêntrica que pautava o gênero romance histórico, desde as suas primeiras manifestações, surge um conjunto de questões que visam, em primeiro lugar, interrogar os aparatos conceituais subjacentes a esse gênero literário, isto é: qual o campo semântico e conceitual de categorias como história, tempo, narração, representação e narrativa, quando estas pretendem se referir às chamadas “situações pós-coloniais”?³ Quais as (re)visões teóricas e epistemológicas que se fazem necessárias para pensar criticamente as chamadas metaficções historiográficas em literaturas que se inscrevem na(s) África(s) do contemporâneo?

e artigos, entre os quais gostaria de destacar: Brugioni, 2016, pp. 88-106; e Brugioni, 2016b, pp. 30-51.

³ Balandier, 2007.